



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O ENSINO DAS LÍNGUAS VIVAS.

HERMANO, António

Ano: 1905 | Número: 22

Como citar este documento:

HERMANO, António, O ensino das línguas vivas. *Revista de Guimarães*, 22 (1-2) Jan.-Jun. 1905, p. 33-38.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O ENSINO DAS LINGUAS VIVAS

Ha mais d'um quarto de seculo que, no livro e no jornal, resôa o debate sobre o ensino das linguas vivas e, longe de se exaurir, renasce com aspectos novos.

Do character internacionalista das sociedades hodiernas, promana, certamente, a retumbancia d'esta questão. Se tudo se conspira para derrocar as velhas fronteiras sagradas, que isolavam e suffocavam os povos; se o commercio e a industria, a sciencia e a arte, a imprensa, a religião, a politica, a finança, o sport são hoje poderosas vias de penetração, que tendem a fundir as gentes, n'uma prodigiosa confederação universal, urge que tambem se faça a interfusão das mais importantes linguas vivas, afim de serem outros tantos agentes da unificação mundial. Adquiri-las com a possivel intensidade é, n'esta phase social, um quasi dever e como que um preito, á corrente civilizadora, que enlaça, pela ideia e pelo interesse, a humanidade toda.

Porém, a objectivação d'este proposito encerra difficuldades de tão alto porte, que, ante ellas têm claudicado até os que, *ex-professo*, se consagram a estes problemas arduos, dispondo de toda a ordem de meios de informação, de erudição rica e de talento luminoso. Entre essas difficuldades avultam, logo ao primeiro relance, as que se indicam nas seguintes interrogações:

Quantas linguas vivas se devem estudar?

Quaes merecem a preferencia?

Qual o melhor methodo?

*

A fixação do numero de linguas, para cada alumno, tem de obedecer ás condições especiaes e á aptidão mental de cada povo; mas parece estar já admittido e assente, pelos pedagogistas de mais renome, pelos dados da experiencia e pelas legislações dos povos mais cultos, que duas linguas serão o termo medio rasoavel. Exigi-las em maior numero para cada estudante, seria provocar a confusão e propagar o desanimo, no espirito da turba escolar. Nenhuma d'ellas se entranharia com bastante relêvo e consciencia, para vir a tornar-se, na vida, um instrumento utilizavel. Porque, bom é não perder de vista, que uma lingua viva, ainda que facil, somma uma tal amplitude de conhecimentos que, sem o dispendio de muito tempo e de muita energia, não se apropriará sèriamente. Ora nos cursos secundarios, o tempo ha de ser sempre muito escasso, visto ter de ser rateado e regateado por numerosas disciplinas, todas importantes; e a tenacidade, que deriva dos graves e maduros propositos, não ha encontra-la em jovens, constitucionalmente levianos. Querer o muito é consentir que a miragem perfida do optimo estrague o que é bom; e julgar que a elasticidade dos cerebros novos não tem limites, submettendo-os a uma operosidade desmarcada, é errar crimosamente.

Porém, advirta-se, se intendemos que os quadros secundarios e a mentalidade escolar não comportam rasoavelmente senão duas linguas vivas, por alumno; julgamos tambem que uma lei de instrucção, de vistas largas e patrioticas, deve chamar ao convivio, impondo para determinados cursos especiaes ou superiores as que, reconhecidamente, sejam orgãos de civilizações opulentas e preponderantes. Assim haveria sempre, no paiz, homens aptos a derramar directamente, entre os seus, as influencias das mais bellas, ricas e uteis litteraturas.

*

Mas quaes as linguas que se devem exigir á maioria dos escolares?

As de maior utilização pratica, as que devéras ennobrecem um espirito moderno, as que patenteiam horisontes muito amplos, as que jorram mais clara luz e canalizam mais

precioso oiro são, sem duvida, a francêsa, a inglêsa, a allemã, vindo em seguida, já em segundo plano, para nós, a espanhola, a italiana e a russa.

De todas, a primacial é a francêsa.

Põe-nos em contacto com a nação hegemonica da raça latina, inicia-nos na civilização mais rutilante de quantas hoje dominam, e franqueia-nos a litteratura mais fecunda de quantas ahi espargem a ideia. É lingua quasi universalizada nos gabinetes da diplomacia, nos bazares do commercio, nas salas nobres, na finança, nas escolas... Basta-nos ella para viajarmos á vontade, e sermos comprehendidos em todo o mundo culto.

Possui-la é ter uma inapreciavel reserva de riqueza que, em frequentes emergencias, nos pôde valer. Vae ella até muito longe, até onde nenhuma das rivaes avança, porque não reconhece fronteiras. E, ainda mais, sendo idioma latino, como o portuguez, adapta-se maravilhosamente á nossa loquela e á nossa idiosyncrasia intellectual.

Da situação privilegiada e unica d'esta lingua, resulta logicamente que a lei portugueza deve obrigar ao seu estudo intenso e pleno; deve dotal-a com um programma tão complexo e tão pratico que a mocidade escolar se assenhoreie d'ella, como se fôra uma segunda lingua mãe e, ao termo de seus cursos, a possa escrever e fallar com soffrivel e airosa correcção. É oiro bem capitalizado, o tempo dado a tão util objectivo.

Á lingua inglêsa não duvidariamos conceder a plana immediata. Tambem ella é instrumento d'uma litteratura monumental e d'uma cultura maravilhosa. Tambem ella tem assegurado um futuro de incalculavel expansão, por lhe serem feudatarios continentes inteiros, regiões vastas, fecundas, onde virá a enxamear uma população densa.

Demais, tem esta feição caracteristica: é a lingua corrente no commercio e na marinha e é, não o esqueçamos nós, o idioma da nossa grande alliada, da nossa visinha e protectora, nos mares remotos, por onde se dissemina o imperio colonial portuguez.

O marinheiro, o militar, o industrial, o viajante, o colono que estiver habilitado a usar da lingua inglêsa, verá simplificada a sua acção e entrará, como irmão, no seio dos povos mais ricos e progressivos do mundo. Dê-se-lhe portanto o lo-

gar proeminente, que bem merece, nos liceus do reino, tornando-se obrigatoria para algumas carreiras e, assim, seja-lhe, de vez, levantada a condemnação injusta, prejudicial e impolitica, com que a lei vigente a feriu. Depois da francêsa nenhuma offerece tantas vantagens, a par d'uma notavel facilidade de acquisição.

Á lingua allemã cabe, de bom direito, o terceiro logar. Titulos nobilissimos a impõem á estima das nações policiadas. É a voz d'um grande povo, que, desde remotos evos, ganhou, na Europa e no mundo um logar excepcional de prestigio; é a lingua d'uma raça altiva e forte cujo porvir se desenha cheio de prosperidade. Mas o que sobretudo dá ao allemão um valor altissimo é a sua qualidade de lingua sabia: a Allemanha é a patria do mais ousado movimento scientifico; na lingua allemã são lançadas á publicidade as grandiosas edições, verdadeiros milagres de talento e de labor benedictino; são allemãs as mais das magnificas revistas, que têm o condão de dizer a primeira e a ultima palavra, nos profundos e arduos prelios do saber.

Além d'isso, é lingua que, pelo jogo, complexo mas logico, do seu admiravel mechanismo, exercita, estimula e avigora o intellecto, para as operações da verdade. É-lhe pois devida, na instrucção secundaria, uma categoria que corresponda a tão altas prendas. Para algumas das carreiras scientificas, está ella naturalmente indicada.

Mas é conveniente que o seu estudo vá em orientação harmonica com o fito visado, isto é, que tenda preferentemente á interpretação corrente e proveitosa dos insignes documentos que prodigaliza, e deixe para secundario objectivo, por menos util e devoradora de horas preciosas, a conversação ou até a correspondencia.

D'aqui não se deprehenda que menosprezamos o uso vivo d'esta lingua: não é isso, que seria despropósito: o que notamos é que o mínguado tempo não dá senão para o que é rigorosamente essencial, devendo-se sacrificar com dôr, mas corajosamente, o resto ainda que bom, ou excellente.

O que, sem proveito final, se concederia á conversação allemã, melhor emprego teria, repito, no estudo cabal da lingua francêsa.

Eis, em traços leves de esboço, um individual modo de encarar a questão, muito actual, da escolha das linguas, que devem ter fóros de cidade, em os nossos institutos escolares.

*

E qual o methodo a empregar no ensino das linguas vivas?

Ha muito tempo que esta interrogação está de pé, rebelde, provocando os esforços dos competentes. Á volta d'ella, bellos torneios se têm ferido, nos paizes que bem querem ao seu avanço intellectual, mas ainda não está dita, não o estará para tão cêdo, a ultima palavra, porque o problema não é do numero d'aquelles que, por simples, se deslaçam em formulas geraes.

Consigne-se todavia que hoje vae debaixo, batido talvez para todo o sempre, o *systema tradicionalista*, grosseiro e tardo como um carroção, abordoado ás regras inexgotaveis e mechanicas da grammatica, e baseado na memoria, feita armazem; *systema antipathico* e amargo, pela brutalidade e inefficacia do esforço que demanda. Despropositadamente se intrincheirava nas theorias encardidas, na erudição barata e esteril, na interpretação fria e muda de textos bafientos, pondo para o lado, com escarninho desdem, a lingua como ella é na realidade, palpitante, viva, sonora, insubordinavel, a miude, a byzantinismos grammaticaes. Mas, por esse ruim caminho, já hoje cresce a herva e, é de crêr que, volvida mais uma decada, supprimidas as lacunas, as peias, as resistencias d'agora, fique, de todo em todo, abandonado.

Contrariamente, canta o triumpho o *methodo directo*. Vem-lhe a denominação de pretender ensinar as linguas vivas, por ellas proprias, não recorrendo ao idioma materno, senão por excepção. É mais natural e logico, valendo-se muito da acção directa dos sentidos, occupando principalmente a vista e o ouvido e utilizando a mimica. Mais intellectivo do que mnemonico, timbra em fazer a luz, nos espiritos juvenis, pela indução clara, suavemente obtida n'uma seara de exemplos typicos.

O vivo teclado das phrases, que vae armando, é inspirado nos lances do dia a dia, real, impressionante.

Em volta do estudante ageita um curioso scenario, que lhe dá a illusão de se encontrar no paiz cuja lingua adquire, por meio de mappas, quadros, photographias, bustos, memorias, d'esse grande theatro distante.

Evidentemente, tal processo, fertil em habilidades para acalentar a vontade dos moços estudantes; ajudado por bons

livros, feitos á sua imagem e semelhança ; posto em acção por mestres, filiados no credo novo e fortes no manejo do idioma que ensinam, e dispondo de mais largueza de tempo, ha-de dar opimos fructos, como os está dando em outros paizes.

No dia em que esta esperanza se realizar, os escolares entrarão na sociedade com mais afouteza, fallando e escrevendo, como gente culta, as linguas que foram uma das mais importantes secções de seus cursos.

Quando será isso ? Não é para já, infelizmente. Entra nas nossas escolas o methodo directo, mas devagar, a medo. Tem contra si a educação da geração docente, a rotina contumaz, a dôce preguiça meridional, os mesquinhos livros e a penuria do thesouro publico. Este, será magro por muito tempo e, por consequencia, parco em dotações para material escolar e para subsidiar professores, que completem a sua instrucção, nos paizes cujas linguas hajam de ensinar.

Em todo o caso, a corrente está emfim aberta e conhecida, e vão-se divulgando, como arrebol acariciador, as excellencias do methodo victorioso. Ao impulso avassallador das novas ideias pedagogicas, se irá dobrando tambem a escola portugêsa.

3 de Abril de 1905.

P. ANTONIO HERMANO.